

NOVAS fronteiras culturais

O impacto económico da Expansão Portuguesa na Europa (séculos XV-XVII)

24 a 26 Novembro 2016

Tec Labs | Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa

Edifício ID | FCSH, Universidade NOVA de Lisboa



LIVRO DE RESUMOS

NOVAS fronteiras culturais

O impacto económico da Expansão Portuguesa na Europa (séculos XV-XVII)

24 a 26 Novembro 2016

Tec Labs | Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa

Edifício ID | FCSH, Universidade NOVA de Lisboa

LIVRO DE RESUMOS

Lisboa, Novembro de 2016

FICHA TÉCNICA

Título:

Livro de Resumos. Colóquio Novas Fronteiras | Novas Culturas - O impacto económico da Expansão Portuguesa na Europa (séculos XV-XVII)

Organização:

Carla Vieira

Nunziatella Alessandrini

João Teles e Cunha

Editor:

Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Universidade NOVA de Lisboa

Universidade dos Açores

Composição gráfica:

Carla Vieira

ISBN:

978-989-8492-43-2

Tiragem:

40 exemplares

Lisboa, Novembro de 2016

Evento e publicação subsidiada ao abrigo do projecto estratégico do CHAM - Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa e da Universidade dos Açores, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia — UID/HIS/04666/2013.

Comissão Científica

Ana Paula Avelar
(Universidade Aberta | CHAM, FCSH/NOVA, UAc)

Carlo Bitossi
(Università di Ferrara)

Mark Häberlein
(Universität Bamberg)

Jürgen Pohle
(CHAM, FCSH/NOVA, UAc)

Maria de Fátima Reis
(Cátedra de Estudos Sefarditas «Alberto Benveniste»
Centro de História da Universidade de Lisboa)

Gaetano Sabatini
(Università Roma Tre)

Joana Sequeira
(CHAM, FCSH/NOVA, UAc | CITCEM, FLUP)

Francisco Zamora Rodriguez
(CHAM, FCSH/NOVA, UAc)

Comissão Organizadora

Nunziatella Alessandrini
(CHAM, FCSH/NOVA, UAc
Cátedra de Estudos Sefarditas «Alberto Benveniste»)

Carla Vieira
(CHAM, FCSH/NOVA, UAc
Cátedra de Estudos Sefarditas «Alberto Benveniste»)

João Teles e Cunha
(CHAM, FCSH/NOVA, UAc)

BEM VINDOS

É com muito prazer que queremos dar as boas-vindas a todos os que participam desta primeira parte do colóquio Novas Fronteiras | Novas Culturas, cujo objectivo principal é encorajar o debate em torno do impacto da expansão portuguesa na economia europeia. Agradecemos aos participantes a resposta tão positiva ao nosso apelo, dando um inestimável contributo através da apresentação de reflexões sobre uma matéria que ainda se revela campo fecundo de investigação. Esperamos que esta viagem pelos séculos XV a XVII resulte em proficuas trocas de ideias e novas abordagens.

A Organização

WELCOME

We are pleased to welcome all who are going to participate in this first part of the congress New Fronteirs | New Cultures, whose aim is to stimulate the discussion around the impact of the Portuguese expansion in the European economy. We would like to thank all speakers for such a positive response to our challenge of re-evaluating this problem, giving a valuable input through their reflexions on a matter that remains inspiring new investigation. We hope that this journey through the 15th-17th centuries can result in fruitfull exchanges of views and innovatives approaches.

The Organizing Committee

APRESENTAÇÃO

Passados seis séculos do seu início (1415), vale a pena avaliar qual foi o verdadeiro impacto económico da Expansão Europeia tanto nas suas origens, como nos espaços por onde se estendeu, atravessando fronteiras e criando as bases do que é visto hoje como a primeira globalização. A avaliação decorre da necessidade de reapreciar o fenómeno face à produção historiográfica dos últimos anos, onde se tem minimizado as consequências económicas da Expansão Europeia antes do século XIX, não obstante alguma revisitação mais positiva feita recentemente, pelo menos no caso português. Este é um debate que ganha sentido se realizado numa perspectiva comparada entre as realidades europeias e extra-europeias.

A Expansão, não sendo um caso exclusivamente europeu, acabou por marcar mais um devir histórico da Europa ocidental nas suas diversas manifestações, mostrando uma natureza multiforme e complexa de longa duração tanto nos espaços de origem, como nos de chegada. Pretende-se, deste modo, visitar, sob uma perspectiva predominantemente económica, o processo da Expansão Portuguesa de 1400 até 1700, sem descurar as suas raízes medievais, bem como as contribuições extra-europeias, numa abordagem que se quer plural e transdisciplinar.

O colóquio Novas Fronteiras | Novas Culturas – O impacto económico da Expansão Portuguesa na Europa (sécs. XIV-XVII) irá decorrer no Tec Labs – Centro de Inovação (Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa) e na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa entre os dias 24 e 26 de Novembro.

Este é um colóquio organizado pelo grupo de investigação «Economias, Agentes e Culturas Mercantis», integrado no CHAM – Centro de História d’Aquém e d’Além-Mar – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores.

PRESENTATION

Six centuries after its beginning (1415), it is necessary to evaluate the real economic impact of the European Expansion in its origins and destinies, breaking boundaries and building the foundations of what is understood as the first global age. This evaluation is based on the need to review this phenomenon, confronting the recent historiographic production which has minimized the economic repercussions of the European Expansion before the 19th century, notwithstanding some positive historiographic reappraisal made recently, at least in the case of Portugal. This discussion only makes sense if a comparative approach between European and extra-European realities is adopted.

Although not an exclusive European phenomenon, the Overseas Expansion made a deep change in Western Europe, revealing a multiform, complex and long-lasting nature in its place of origin and of arrival. Therefore, the aim of this congress is to re-evaluate the Portuguese Expansion from the 14th century to the 17th century, without overlooking its Medieval origins, as well as its extra-European contributions, from a plural and transdisciplinary approach, but giving priority to an economic perspective.

The congress New Frontiers | New Cultures – The economic impact of the Portuguese Expansion in Europe (14th-17th centuries) will be in the Tec Labs – Centro de Inovação (Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa) and in the Faculty of Social Sciences and Humanities, Universidade NOVA de Lisboa between 24 and 26 November 2016.

This congress is organized by the research group «Economias, Agentes e Culturas Mercantis» from CHAM – Portuguese Center for Global History – Faculty of Social Sciences and Humanities / Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores.

RESUMOS

KEYNOTE SPEAKERS

MARK HÄBERLEIN
(Universität Bamberg)

*Connected Histories: South German Merchants and
Portuguese Expansion in the Sixteenth Century*

It is well known that merchant companies from the south German cities of Augsburg and Nuremberg reacted quickly to the Portuguese discovery of the sea route to Asia. From 1503 onwards, a number of German firms opened branch offices in Lisbon, and in 1505 six Augsburg and Nuremberg companies participated in a Portuguese fleet to India. While this early involvement in Portuguese expansion has been researched intensively, the role of German merchants in the spice, sugar and diamond trades has received less attention. Based on recently discovered and edited business papers of one of the largest German merchant firms of the sixteenth century, the Welser Company of Augsburg, I will argue that German participation in the process of Portuguese expansion remained important until the middle decades of the sixteenth century but underwent significant change during that time. While direct involvement in the intercontinental spice trade was all but impossible after King Manuel I had declared it a crown monopoly in 1506, German merchants obtained spices through contracts with Portuguese crown agents in Lisbon and Antwerp, invested in the developing Atlantic sugar economy, and purchased precious stones in Portugal and India. The commercial activities of German merchant firms and Portuguese colonial expansion will be presented as connected histories that involved the formation of multilateral trade networks and initiated processes of cultural transfer.

Mark Häberlein é professor da Universidade de Bamberg. Tem desenvolvido um vasto trabalho no estudo das comunidades mercantis alemãs no mundo atlântico. Entre os seus trabalhos mais recentes, destacam-se The Fuggers of Augsburg. Pursuing Wealth and Honor in Renaissance Germany (2012);

"Atlantic Sugar and Southern German Merchant Capital in the Sixteenth Century" in *Europeans Engaging the Atlantic: Knowledge and Trade, 1500-1800 (2014)*; *"Pratiques marchandes et organisation spatiale du commerce au XVI^e siècle: la Compagnie des Welser d'Augusbourg dans la Péninsule Ibérique"*, in *La loge et le fondouk. Les dimensions spatiales des pratiques marchandes en Méditerranée (2014)*.

*

LUISA D'ARIENZO
(Università degli Studi di Cagliari)

*Italia e Portogallo nell'età delle scoperte. Il ruolo delle colonie
mercantili nella diffusione della cultura italiana nel regno
portoghese*

La presente ricerca si avvale di un lavoro sistematico da noi svolto per diversi anni negli archivi iberici e italiani, specie in quelli di Lisbona e di Porto, negli archivi di Stato di Genova, Firenze e Venezia ed ancora nell'Archivio dello Spedale degli Innocenti di Firenze e nell'Archivio Segreto Vaticano; tale lavoro fu realizzato in occasione delle celebrazioni del Quinto centenario della scoperta dell'America, quando la Commissione scientifica colombiana, della quale feci parte, intese raccogliere tutte le possibili informazioni sulle comunità italiane presenti nella penisola iberica, in Portogallo e Spagna, all'epoca in cui Cristoforo Colombo fece il suo celebre viaggio. Ricerche in massima parte confluite nei due volumi di L. D'Arienzo, *La presenza degli italiani in Portogallo al tempo di Colombo* e *La presenza degli italiani in Spagna al tempo di Colombo*, entrambi editi dal Ministero per i Beni Culturali e Ambientali, Comitato nazionale per le celebrazioni del V Centenario della scoperta dell'America, Nuova Raccolta Colombiana, voll. XIV e XVI, Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato, Roma, 2004 e 2010.

Si voleva capire quale fosse stata la reale partecipazione del genio italiano a quell'impresa così straordinaria che avrebbe modificato il cammino della storia. Le colonie italiane furono studiate in ogni aspetto: la consistenza economica, le influenze culturali e scientifiche,

la componente mercantile, l'apporto di capitali e le competenze tecniche che poterono essere garantite alla Corte portoghese all'epoca delle scoperte.

La componente ligure si distinse per importanza già alle origini, fin dall'epoca della formazione stessa della nazione portoghese, quando i portoghesi e i galiziani, per contrastare le scorrerie saracene, iniziarono a cimentarsi nell'arte delle costruzioni navali e della navigazione con l'aiuto di abili maestri liguri, come lo fu il maestro Ogerio, che venne chiamato dal vescovo di Santiago, come ci narra la *Historia Compostelana*.

L'influenza ligure era destinata a rafforzarsi agli inizi del XIV secolo, quando la carica ereditaria di ammiraglio portoghese fu affidata al genovese Manuele Pessagno, appartenente ad una famiglia di mercanti armatori particolarmente esperta nelle tecniche di costruzione navale e nella navigazione, che già aveva prestato importanti servizi al re d'Inghilterra. All'ammiragliato venne riservato un ampio quartiere nel Bairro alto della città di Lisbona. Fu l'inizio dell'affermazione sui mari della marineria portoghese, destinata a sopravanzare in potenza anche quella ligure. Lo stesso Colombo approfondì le tecniche di navigazione atlantica navigando su imbarcazioni portoghesi durante il suo soggiorno in terra lusitana quando sposò la giovane Felipa Moniz Perestrello, appartenente ad una nobile famiglia di Piacenza, giunta in Portogallo alla fine del XIV secolo, legata alla casa dell'Infante Enrico.

Le colonie mercantili italiane genovesi, fiorentine, milanesi, piacentine, lombarde e veneziane, svolsero un ruolo importante nella società portoghese, dapprima con l'apporto delle loro conoscenze nel campo della tecnica delle costruzioni navali; in un secondo momento introducendo nel regno lusitano la loro raffinata specializzazione nella pratica mercantile e bancaria, per la quale le aziende toscane, venete e liguri erano rinomate in tutta l'Europa. Non ultime le competenze nel campo della astronomia e della cosmografia, che resero celebri gli scienziati fiorentini, come il Toscanelli e i Vespucci, per i quali sono noti i collegamenti da loro avuti con la corte portoghese col tramite del mercante fiorentino residente a Lisbona, Bartolomeo Marchionni. Ancora da chiarire per la sua rilevanza il ruolo del celebre Amerigo che fu invitato dal re Dom Manuel a svolgere due viaggi per il Portogallo.

Luísa D'Arienzo é professora da Università degli Studi di Cagliari e presidente da Deputazione di Storia Patria per la Sardegna. Especializada em História Cultural e Político-Social da Sardenha e Península Ibérica, na sua articulação com o Mediterrâneo e o Atlântico, é autora de uma vasta obra historiográfica. Dentro da temática das relações luso-italianas, publicou, entre outros: "Navigazioni mediterranee di Bartolomeo Dias. Nuovi documenti sui rapporti fra Italia e Portogallo all'epoca delle scoperte", Archivio Storico Sardo (1998); "I Toscani sulla via delle Indie all'epoca di Cristoforo Colombo", Rivista Geografica Italiana (1993); "L'impatto delle scoperte nella cultura portoghese del XV e del XVI secolo", Atti del Convegno su "La scoperta colombiana e la cultura europea contemporanea" (1993).

MESA 1: PRODUTOS E FORMAS DE EXPLORAÇÃO: CONTINUIDADES E INOVAÇÃO

SESSION 1: PRODUCTS AND WAYS OF USING: CONTINUITIES AND INOVATION

(24 Nov | 14.30)

BENEDETTA CRIVELLI
(Bocconi University)

*Commercial spaces across maritime frontiers:
people, products and financial resources from Mediterranean
to the Oceans in the 16th century*

During the 16th century, the maritime expansion triggered connections among distant territories facilitated by the development of the international trade. The analysis of markets is the key for gauging commerce in its repetitive and concrete dimension that settled within defined places. Commercial circuits linked these places to create an intercultural and transnational space crossed by different economic agents who exchanged goods and knowledge.

Starting from this consideration, my research focuses on products exchanged by enterprises established by the Milanese economic agents based in the Republic of Venice. Following the approach of the recent studies in trade history, I try to consider both the traders and the products to allow a deeper investigation into the impact of exchange and distribution of goods on the building of economic space. Moreover, as merchants controlled the economic resources through the access to credit, financial tools are as well considered in order to analyze the links between commerce of goods and the supply of credit. These connections can define competitions among merchants groups but also allowed to experiment new alliances and synergies.

The analysis focuses on the second half of the 16th century when Venice, coping with the multiterritorial empires that surrounded it, was involved in a zone of interconnections between Mediterranean and the territories on the Atlantic and Pacific Oceans. Using empirical evidence such as notarial records, this paper casts new light on socio-economic

relations by which agents build new bounded spaces that integrated local, regional and global markets. I explain how, breaking up cultural and geo-political frontiers, merchants used financial instruments to organize trade circuits and to what extent their economic connections were articulated within new spaces in order to create stable markets.

Benedetta Crivelli é professora e bolseira de pós-doutoramento na Università Bocconi. Entre as suas publicações mais recentes contam-se os artigos: "Pepper and silver between Milan and Lisbon in the Second half of the 16th century", Commercial Networks across European Cities (1400-1800) (2014); "Fiere di cambio e finanza internazionale: la rete degli intermediari finanziari tra Milano e Lisbona nella seconda metà del XVI secolo", Storia Economica, ano XVIII, n.º 2 (2015) e "La carrera de un mercader judeoconverso en el Nápoles español. Negocios y relaciones políticas de Miguel Vaaz (1590-1616)", Hispania, vol. LXXVI, n.º 253 (2016).

*

CRISTINA BRITO E NINA VIEIRA
(CHAM, FCSH/NOVA, UAc)

Of oil and butter, of stones and shells: Exploitation and use of tropical marine products in different early modern Atlantic spaces

The exploitation of marine resources, intercultural trade, and the collection of marine animals have documented histories that changed dramatically with the European Overseas Expansion and the exploration of the Atlantic. Cetaceans, seals, sirenians, sea turtles, and sharks, fell inevitably in the category of sea monsters, as they were strange-looking, frightening and sometimes associated with dangerous or harmful events. Yet, if the animals could be eaten or could cure an illness, if they were useful or simply easy to kill, they would be hunted, consumed and traded. And while for the whale – the archetype of the large sea monster – new projects are on the way, regarding other marine animals almost nothing exists in current historiography. They have hardly been studied from an historical perspective and details of past perceptions and practices towards them are still largely ignored. Nevertheless, they were historically subjects of interest and their existence raised questions and issues throughout different cultures

around the world. Some of these animals are present to some extent in modern fishing reports, but for the majority, their products did not appear systematically in early import/export listings, nor were they explicitly registered in trade records. But several species of large marine animals were important and valuable commodities and offer examples of the natural wonders reaching Europe from the newly discovered Atlantic. Here, a couple of examples regarding seals, sea turtles and manatees in early modern South Atlantic will be discussed looking at economic, cultural and environmental factors for their intense exploitation and use since early 16th century in different Atlantic spaces.

Cristina Brito é Investigadora FCT no CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores, com o projecto «Ngulu-maza, iguaragua or cow-fish? Local and global natural knowledge production and diffusion; practices and perceptions about marine animals in the Atlantic 1453-1786». Fundadora da Escola de Mar – Investigação, Projetos e Educação em Ambiente e Artes, preside à direcção da Associação Para as Ciências do Mar. Entre as suas publicações mais recentes, destacam-se: "Digging into Our Whaling Past: Addressing the Portuguese Influence in the Early Modern Exploitation of Whales in the Atlantic", Environmental History in the Making (co-autoria com Nina Vieira e António Teixeira); e "The environmental history and economy of ambergris: Portuguese sources contributing to study the trade of a global commodity", The Journal of Marine Biological Association of the United Kingdom (co-autoria com Vera Jordão e Graham J. Pierce) (2015).

*

CAMILLA CECCIARELLI
(Investigadora Independente)

*La conquista di Ceuta, l'inizio dell'espansione portoghese.
Finalità e sviluppi economici*

La conquista di Ceuta del 1415 da parte dell'armata lusitana segnò l'inizio dell'espansione portoghese nel continente africano, il motore che diede origine al processo di esplorazione dell'Africa atlantica e che permise di raggiungere territori fino ad allora sconosciuti all'Occidente. Diversi lavori sono stati consacrati allo studio delle vicende della sottrazione di Ceuta ai Merinidi, e nonostante molte siano le

interpretazioni che insistono sulle finalità religiose e puramente belliche, le motivazioni principali che lanciarono i portoghesi alla presa di Ceuta furono prettamente di natura economica. Col presente intervento ci proponiamo, soprattutto attraverso il prezioso racconto di Gomes Eanes de Zurara, di mostrare il ruolo propulsivo che i mercanti portoghesi ebbero nelle dinamiche di conquista della città, sottolineando la necessità di assicurarsi alcuni prodotti posti alla base delle esigenze della società lusitana e quindi l'attenzione verso alcune aree di produzione, nuove opportunità che permettessero di sopperire, per esempio, alla mancanza di frumento in Portogallo. Con la presa di Ceuta i portoghesi eliminarono il commercio delle altre potenze cristiane nella città in cui da secoli giungeva l'oro proveniente da Sijilmassa e Fes e stravolsero la pirateria islamica, permettendo così ai mercanti di riprendere pieno possesso del commercio.

Camilla Cecciarelli é mestre em Estudos Históricos, Religiosos e Antropológicos pela Universidade de Roma La Sapienza, onde também se licenciou com um major em História Medieval. Trabalhou no Centro Nacional de Pesquisa e no arquivo na Universidade de Roma La Sapienza.

MESA 2: REDES MERCANTIS, AGENTES E COMPANHIAS DE COMÉRCIO: O ATLÂNTICO

SESSION 2: TRADE NETWORKS, AGENTS AND COMPANIES: THE ATLANTIC WORLD

(24 Nov | 16.30)

ARLINDO MANUEL CALDEIRA
(CHAM, FCSH/NOVA, UAç)

O tráfico de escravos e a atlantização da economia europeia nos séculos XVI e XVII

Chegados de uma Europa tradicionalmente carente de mão-de-obra, os portugueses descobriam, na 2ª metade do século XV, que era possível obter na costa ocidental africana, a custos razoáveis, uma força de trabalho que lhes pareceu inesgotável. Recuperando uma tradição escravocrata já quase esquecida e adaptando-a às novas exigências de mercado, foram os portugueses que “inventaram” a economia de plantação, experimentando-a, no início do século XVI, num espaço circunscrito (a ilha de São Tomé) e num produto que, em função do preço, tinha então uma procura muito elástica nos mercados europeus: o açúcar. No entanto, o sucesso económico da experiência só ficaria demonstrado ao ser aplicado no Brasil e não tardaria a alargar-se a outros espaços coloniais do continente americano.

Durante três séculos, navios negreiros, em deploráveis condições de transporte, iriam transferir para as Américas milhões de africanos, emigrantes forçados e ofendidos que acabariam por ter um papel fundamental na construção do “mundo atlântico” que se estava a desenhar.

Arlindo Caldeira é investigador do CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores. Os seus actuais interesses de investigação centram-se na história social de Angola e das ilhas do golfo da Guiné bem como no tráfico de escravos no Atlântico Sul. Sobre este último tema, as suas mais recentes publicações são o livro Escravos e traficantes no Império Português. O comércio negreiro português no Atlântico durante os séculos XV a XIX (Lisboa, Esfera dos Livros, 2013); e o capítulo de livro “Angola and the

Seventeenth-Century South Atlantic Slave Trade”, in Richardson, D. & Silva, Filipa R. da, *Networks and Trans-Cultural Exchange: Slave Trading in the South Atlantic, 1590-1867 (Leiden/Boston: Brill Academic Publishers, 2014).*

*

FRANCISCO ZAMORA RODRIGUEZ
(CHAM, FCSH/NOVA, UAc)

*Os produtos coloniais do Atlântico Português no
Mediterrâneo e Mar do Norte (sec. XVII)*

Em 1649, foi criada a Companhia Geral de Comércio do Brasil pelo governo português sob os auspícios do rei João IV. A ideia original era atrair comerciantes e homens de negócios mais ativos para participar do lucrativo comércio que oferecia o Atlântico Português, particularmente as terras do Brasil. Assim, o comércio internacional de Portugal iria promover as suas colónias, usando os cristãos-novos e as suas redes de natureza transnacional, muitos deles estabelecidos no Mediterrâneo e Mar do Norte.

Este paper tem como objetivo avaliar o processo e impacto da Expansão Portuguesa através do funcionamento das suas redes nos principais portos internacionais do Mediterrâneo e Mar do Norte. Este trabalho visa analisar a circulação dos produtos brasileiros, assim como os poderes, funções e atividades desenvolvidas por estes agentes no âmbito da Companhia Geral de Comercio do Brasil e de uma primeira globalização.

Francisco Zamora Rodriguez é investigador e bolseiro de pós-doutoramento no CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores (FCT SFRH/BPD/89361/2012) e coordenador da linha de investigação "Cidades Globais". Autor de La 'Pupilla dell'Occhio della Toscana' y la Posición Hispánica en el Mediterráneo Occidental (1677-1717) (2013); "«Les François lui ont l'obligation d'avoir favorisé leur commerce pendant la guerre». Représentation consulaire, fraude et contrebande commerciale", Rives méditerranéennes (2014); "Interest and Curiosity. American Products, Information, and Exotica in Tuscany", Global Goods and the Spanish Empire, 1492-1824 (2014); "«Dar el cordero en guarda del lobo». Control hispánico sobre los consulados de extranjeros durante el siglo XVII e inicios del siglo XVIII", Tiempos Modernos (2015).

JOÃO DE FIGUEIROA-REGO
(CIDEHUS-UE | CHAM, FCSH/NOVA, UAc)

Redes e interesses do tabaco num oceano global (séculos XVII e XVIII)

A produção/exportação de tabaco, de grande importância na economia colonial dos impérios ibéricos, teve o seu auge no séc. XVIII e foi a base da colonização inglesa em zonas do continente americano. As principais unidades políticas europeias intrometeram-se para fazer prevalecer interesses mercantis, fiscais e aduaneiros nessa área, mas redes organizadas em torno de círculos periféricos ultramarinos criaram a sua própria dinâmica expansionista e geraram um oceano global. Mercê do contrabando e tráfico negreiro, construíram elos entre diferentes nacionalidades e confissões (protestantes, católicos e marranos) que escapavam às malhas oficiais ou estabeleciam com elas equívocas parcerias, por intermédio de redes consulares e companhias mercantis.

Como se articulavam tais redes, quem as compunha, quais os mecanismos/ artifícios usados, as dinâmicas e contaminações subjacentes, de que modo influíram e alteraram as estratégias das unidades políticas a que estavam agregadas impondo a defesa da economia privada face à conveniência pública patente nos monopólios. São estas as questões que se pretende abordar.

João de Figueiroa-Rego é investigador e bolseiro de pós-doutoramento no CIDEHUS, Universidade de Évora, e no CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores (FCT SFRH/BPD/111506/2015). Autor de A honra alheia por um fio. Os estatutos de limpeza de sangue nos espaços de expressão ibérica (sécs. XVI-XVIII) (2011). Entre as suas publicações mais recentes, contam-se: "Os homens de nação e o trato tabaqueiro. Notas sobre redes e mobilidade geográfica no contexto europeu e colonial moderno", Anais de História d'Além-Mar (2013); "Negócios entre "afins"? Penitenciados do Santo Ofício e agentes do Tabaco (sécs. XVII e XVIII)", O sistema atlântico do tabaco ibérico: complementaridades e diferenças (séculos XVII-XIX) (2014); "Em torno das questões de sangue no Brasil colônia anteriormente à reforma pombalina", eHumanista / Conversos (2016).

MESA 3: SOCIEDADE(S) DE CIDADES MERCANTIS: A URBE EM MUTAÇÃO

SESSION 3: TRADING URBAN SOCIETY(IES): CITY IN CHANGE

(25 Nov | 9.30)

ANTONIETA REIS LEITE

(CHAM, FCSH/NOVA, UAc | CES, Universidade de Coimbra)

A Economia do Espaço Construído. A construção e a gestão do território, da cidade e da arquitectura nos Açores do século XVI

Reconhecidas pela historiografia como um importante passo para se compreender a construção do Império, as ilhas atlânticas funcionam como um microcosmos que exemplifica, a uma escala melhor apreensível, os processos que tomaram lugar em áreas mais vastas e mais distantes da metrópole.

Nas ilhas, foi efetivamente de construir um território novo que se tratou e o ordenamento do território, no conjunto da teoria urbanística, das práticas e dos agentes que o integram e interpretam, a que se junta a materialidade arquitetónica, foi um instrumento essencial à concretização dessa estratégia, relevando hoje o tema, como um importante campo de estudo.

Esta apresentação propõe uma análise a diferentes escalas (do território ao edificado; dos agentes às práticas) sobre o processo de distribuição, construção e gestão do espaço nos primeiros séculos de povoamento do arquipélago dos Açores.

Focar-se-á na expressão material do plano administrativo imposto, um plano determinado e resolutivo de distribuição de terra que, primeiramente, pretendia garantir lucro ao processo de povoamento, otimizando a produção agrícola assim como o sistema de controlo fiscal e que encontra tradução na paisagem muito geometrizada que ainda hoje estrutura o território açoriano. Analisar-se-á também a fundação de vilas para encabeçar a organização do novo território e os elementos urbanísticos e arquitetónicos que as conformaram. À escala do espaço urbano, observar-se-ão as imposições, limitações e inovações dos

modelos urbanísticos e de financiamento de obra aplicados na gestão dos novos territórios, focando em particular os casos de Angra (c. 1474; 1534) e Ponta Delgada (1499; 1546), nomeadamente a obra da Sé de Angra e os processos de fortificação.

Antonieta Reis Leite é investigadora e bolsista de pós-doutoramento no CES (Universidade de Coimbra) e no CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores, onde desenvolve o projeto “10 Vilas de Fundação nos Açores (séc. XVI). Urbanística e ordenamento do território na colonização do Atlântico” (FCT SFRH/BPD/93497/2013). Autora de: Açores Cidade e Território. Quatro vilas estruturantes (2014), “Urbanística e ordenamento do território na colonização do atlântico: as ilhas como laboratório”, Property Rights, Land and Territory in the European Overseas Empires (2014); “A Sé de Angra, cabeça do bispado dos Açores”, Norba - Revista de Arte (2015).

*

VÍTOR PINTO

(Faculdade de Letras da Universidade do Porto)

Porto, uma cidade ao serviço da expansão

“Item Senhor fazemos saber à vossa mercê como em esta cidade são devidos muitos dinheiros, assim de arneses como lanças, ferro, madeiras, pão, vinho, carnes, jornais, cordoarias, que foram filhadas para a armada de Ceuta, del-rei de Tunes e de Canária, segundo tudo é escrito em um Inquirição por mandado del-rei vosso avô e delrei vosso padre, cujas almas Deus haja...”. Expunham assim os procuradores do concelho do Porto às Cortes de Évora de 1439, sobre os “muitos dinheiros” que a cidade dispensara ao serviço da expansão. Colocam-se as questões: terão sido liquidados todos os valores que as gentes do Porto dispensaram ao serviço do reino? Mas afinal, que papel teve a cidade do Porto nas navegações e na expansão portuguesa?

O nosso sentido de erudição obriga-nos quase por instinto a dividir este artigo em duas partes. Na primeira parte, procuraremos dar resposta às questões acima levantadas; ou seja, reavaliar os principais aspectos socioeconómicos e cooperativos que estiveram intrínsecos nas gentes do

Porto por altura do chamado take-off da expansão portuguesa no século XV. Como base de sustentação aplicada às respostas por nós colocadas, as mesmas poderão ser encontradas em várias fontes impressas disponíveis. Assim, servir-nos-emos essencialmente de Fernão Lopes: Crónica de D. João I; Rui de Pina: Crónica de D. Duarte; Gomes Eanes de Zurara: a Crónica da Tomada de Ceuta e Crónica D. Pedro de Meneses. Usaremos, também, documentação extremamente útil nas Chancelarias Régias Portuguesas, Cortes Portuguesas e Livros de Actas Municipais do Porto – isto, para o período em análise; não esquecendo, porém, as grandes obras de História da Cidade do Porto, dirigidas por Damião Peres, António Cruz, A. De Magalhães Basto e Luís A. De Oliveira Ramos. Na segunda parte desta comunicação, e aproveitando a ‘boleia’ do que foi escarpelizado anteriormente, é nosso intento homenagear o Professor Dr. António Cruz (1911-1989), cuja a sua aptidão vazada no ofício de historiador levou-nos a considerar que, provavelmente, foi quem melhor trabalhou a temática que decidimos apresentar nesta comunicação.

Vítor Pinto é licenciado em História e Mestre em Estudos Medievais, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. A dissertação de mestrado, intitulada “De tratado em tratado até ao casamento final. O casamento de D. João I com D. Filipa de Lencastre”, tem edição prevista para Janeiro de 2017 pela editora Livros Horizonte. Autor de vários artigos científicos, dos quais se destacam: “The Siege of Ceuta (1418-1419)”, Presses Universitaire du Midi, Toulouse; e “Os Mordomos-mores que eram trovadores na corte régia de Afonso III (1248-1279)”, Universidade de Lérida.

*

PAULO LOPES
(IEM, FCSH/NOVA | CHAM, FCSH/NOVA, UAç)

«Não há dúvida de que uma cidade se tornará muito grande se tiver uma grande mercadoria.» Lisboa: continuidades e mudanças de uma cidade em redefinição no crepúsculo do século XVI. Um estudo de caso

Em 1593, Gianbattista Confalonieri, secretário de Fabio Biondi, colector apostólico em Portugal, entre 1592 e 1596, redige um texto

intitulado Della Grandezza e Magnificenza della Città di Lisbona. Da descrição do visitante italiano sobressai a ideia central de que a Lisboa dos finais do século XVI tem uma identidade urbana muito própria e original, por um lado resultante do processo de Descoberta e Expansão em que Portugal se viu envolvido durante o século XV e grande parte do XVI e, por outro, derivada do facto de já não ser dona de si própria. O autor compreende a mudança a que os novos tempos obrigaram, mas também a permanência de traços arquétipos. Como podemos, em rigor, definir essa identidade? Quais são os seus fundamentos? E, sobretudo, o que é que o autor privilegia no seu olhar?

Paulo Lopes é investigador de pós-doutoramento no Instituto de Estudos Medievais (FCSH/NOVA) e no CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores (FCT SFRH/BPD/97963/2013). Desenvolve o seu trabalho na área da História Cultural e das Mentalidades. Autor de várias publicações, entre as quais: Viajar na Idade Média A visão ibérica do mundo no Livro do Conhecimento (2005), O Medo do Mar nos Descobrimentos Representações do fantástico e dos medos marinhos no final da Idade Média (2009) e Um Agente Português na Roma do Renascimento (2013).

MESA 4: IMPACTO DO COMÉRCIO E DA NAVEGAÇÃO NA PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DE TECNOLOGIA E CIÊNCIA

SESSION 4: THE IMPACT OF TRADE AND NAVIGATION ON THE CIRCULATION OF SCIENTIFIC AND TECHNOLOGICAL KNOWLEDGE

(25 Nov | 11.30)

MIGUEL RODRIGUES LOURENÇO

(CHAM, FCSH/NOVA, UAc | CEHR/UCP | CESAB, FLUL)

O impacto da cartografia portuguesa nas representações cartográficas europeias do século XVI: o caso da Ásia Oriental e do Sueste

As explorações ibéricas no continente americano ao longo do século XVI legaram à cultura geográfica europeia do seu tempo a imagem de uma enorme massa continental previamente ignota. As representações cartográficas europeias da América reflectiam, desse modo, uma variedade de experiências náuticas e de explorações terrestres encetadas por portugueses, castelhanos, biscainhos, catalães, etc., em várias regiões. O caso da Ásia Oriental e do Sueste é, sob este ponto de vista, contrastante. Se, no século XVI, as representações do continente americano na cartografia europeia se baseiam nos resultados das explorações conduzidas sob a égide das Coroas de Portugal e de Castela, os confins do continente asiático reflectem outra realidade. Com efeito, as representações cartográficas europeias sobre a Ásia antecedem o contacto directo de portugueses e de castelhanos com os seus litorais, formando, por esse motivo, uma tradição cartográfica autónoma.

Esta conferência visa, a partir de uma análise comparativa entre as cartografias portuguesa e europeia sobre a Ásia Oriental e do Sueste ao longo do século XVI, avaliar até que ponto se sentiu o peso das explorações portuguesas no discurso cartográfico europeu ou, ao invés, o peso de tradições cartográficas anteriores.

Miguel Rodrigues Lourenço é investigador do CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores, do Centro de Estudos de História Religiosa (Universidade Católica Portuguesa) e da Cátedra de Estudos

Sefarditas «Alberto Benveniste» (FLUL). O seu doutoramento versa sobre o problema da defesa da legitimação das missões do Japão por parte da Companhia de Jesus nos anos 30 e 40 do século XVII a partir da experiência religiosa do Padre Mateo Cebrián, S. J. (FCT SFRH/BD/4402/2008). Entre as suas publicações mais recentes, contam-se "A cristalização de um modelo: as Filipinas na cartografia portuguesa (1554-1580)", Cartógrafos para toda a terra. Produção e circulação do saber cartográfico ibero-americano: agentes e contextos (2015); "Injurious Lexicons: Inquisitorial Testimonies regarding New Christians in Macacu, Manila and Nagasaki in the Late Sixteenth Century", The Conversos and Moriscos in Late Medieval Spain and Beyond (2016).

*

HARALD GROPP
(Universität Heidelberg)

«Portuguese knowledge» in Central Europe: Astronomy and cartography between 1400 and 1600

It will be discussed and investigated how in the two centuries between 1400 and 1600 the knowledge which was obtained by the Portuguese during their expansion to other continents, i.e. Africa, Asia, and America became known in Central Europe. The focus will be on the dissemination of knowledge in the disciplines of navigation, astronomy, cartography, but also of biology and geography in general. The knowledge was of practical character or of a more theoretical kind.

Of course, there was also a transfer of knowledge from other parts of Europe to Portugal during the period of Portuguese discoveries but here the focus will be on how the reports of the Portuguese activities outside of Europe reached parts of Central Europe. It were the new ways of navigation by using astronomical knowledge together with travel reports describing the new discovered lands, plants, animals, and, of course, people which quickly and dramatically changed the picture of the world.

This lead to new cartographical descriptions of the world. It will be considered how commercial trade relations and religious motivation supported or blocked this transfer. Altogether the consequences of this transfer of knowledge can be found on maps, on globes, and in travel reports or similar texts.

Harald Gropp é investigador da Universidade de Heidelberg e tem desenvolvido investigação no campo da História da Ciência e, em particular, da História da Matemática. Autor de "Réseaux réguliers' or regular graphs—Georges Brunel as a French pioneer in graph theory", Discrete mathematics (2004); "Hamiltonian graphs from Kirkman to König", Electronic Notes in Discrete Mathematics (2006); "Mathematics in Bosnia–Herzegovina", Mathematics in the Austrian-Hungarian Empire (2010).

*

NINA VIEIRA E CRISTINA BRITO
(CHAM, FCSH/NOVA, UAc)

*Circulation of whaling knowledge and techniques from Iberia to
Brazil*

Studies on marine living resources and their exploitation in Atlantic waters are being wrapped within the paradigm of an Atlantic history, where the ocean is no longer just a scenario of the history and the connections between different worlds not only happened across oceans but between people and the sea. One of those resources was the whale, whose oil was utilized by the Portuguese since, at least, the beginning of the 13th century contemporary to the Basque whaling developed in the Bay of Biscay.

From Portuguese written historical sources, descriptions on abundance, utilization and processing whales are found as also on the transfer of the Basque whaling expertise from the Iberia to the South Atlantic, namely to Brazil. Here, whaling was of significant importance between the 17th and the 19th centuries as a royal monopoly and the expansion of this activity through the Brazilian coast accompanied the market demands, namely for the whale oil that illuminated several regions of Brazil and was exported to Europe. In this work we will discuss whaling as a paradigmatic case of knowledge transfer from the Old to the New World, in a place where the activity was not part of the local culture and the knowledge was assimilated, adapted and constructed over more than three centuries.

Nina Vieira é investigadora e bolsista de doutoramento no CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores), com o projecto "The taxonomy of Portuguese whaling from the 13th to the 19th century: An Atlantic history of the sea, whales and people" (FCT SFRH/BD/104932/2014). Membro fundador da Associação para as Ciências do Mar, é co-autora de: "Using historical accounts to access the occurrence and distribution of cetaceans in poorly known areas", Journal of the Marine Biological Association of the United Kingdom (2010); "Digging into Our Whaling Past: Addressing the Portuguese Influence in the Early Modern Exploitation of Whales in the Atlantic", Environmental History in the Making; "A Sea-Change in the Sea? Perceptions and Practices Towards Sea Turtles and Manatees in Portugal's Atlantic Ocean Legacy", Perspectives on Oceans Past: A Handbook of Marine Environmental History (2016).

**MESA 6: REDES MERCANTIS, AGENTES E COMPANHIAS DE COMÉRCIO:
DE PORTUGAL AO ORIENTE**

**SESSION 6: TRADE NETWORKS, AGENTES AND COMPANIES: FROM
PORTUGAL TO THE EAST**

(25 Nov | 14.30)

ELSA PENALVA
(CHAM, FCSH/NOVA, UAc)

*Redes sociais e poder em Macau:
a parentela-gonsi dos Monteiro (c. 1550 – c. 1650)*

Na década de 1550, talvez mesmo antes, António Monteiro, natural da cidade do Porto, deu origem juntamente com vários familiares, mercadores seus conterrâneos, e escravos de ambos os sexos, a uma parentela-gonsi actuante em Cochim, Goa, Malaca, Sião, Macau, Cantão, Japão e Timor. Após a sua morte, a parentela-gonsi de que foi primeira «cabeça», não só se continuou a inscrever nos círculos do poder da Cidade do Nome de Deus na China, como acedeu a Pequim. Complexa, multicultural e miscigenada, não ignorou como parceiros os jesuítas, tão pouco as elites letradas chinesas oriundas do Fujian e de Cantão, que se tornaram lingoas ao serviço, primeiro da Companhia de Jesus e de Nagasáqui, e posteriormente de Macau ao longo de mais de quarenta anos. Caracterizar a dinâmica de actuação dos vários «parentes» por nós identificados ao longo do período cronológico considerado, que contribuíram para o fortalecimento e projecção da parentela-gonsi dos Monteiro-Pinto, é o objectivo da nossa comunicação.

Elsa Penalva é investigadora integrada do CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores. Desenvolveu o projecto de pós-doutoramento em torno do tema "Prosopografia das Elites e Redes Sociais na Criação e Sustentação de Macau (1582-1660)". Coordenou o projecto I&D da FCT "Prosopografia das Comunidades Lusófonas residentes e de passagem nas Filipinas". Prémio Fundação Calouste Gulbenkian «História da Presença Portuguesa no Mundo» 2012 pelo livro Mulheres em Macau: Damas Honradas, Mulheres Livres e Escravas, Séculos XVI e XVII.

JOÃO TELES E CUNHA
(IEO/UCP | CHAM, FCSH/NOVA, UAç)

Odres velhos, vinho novo?
As companhias portuguesas de comércio para a Índia Oriental
(1628-1800)

Como já notara Jorge Borges de Macedo em 1971 o modelo das companhias comerciais, nomeadamente as criadas especificamente para o comércio asiático, revelam uma continuidade e sobrevivência mau grado o seu insucesso económico. A historiografia existente sobre o tema e o debate subsequente de autores tão diversos como José Gentil da Silva, Vitorino Magalhães Godinho, Niels Steensgaard, Antony Disney e George D. Winus, entre outros, tem-se centrado em torno de leituras neo-weberianas, sobretudo numa perspectiva comparativa com as ‘congêneres’ europeias, como a VOC holandesa e a EIC inglesa, esquecendo frequentemente da dinâmica económica, política, social e cultural portuguesa.

Propomos, por isso, uma leitura que acompanhe a evolução dos diversos modelos criados desde 1628 até ao início do século XIX para se entender a razão da sua perenidade, bem como as causas do seu fracasso comercial face aos investidores. Mais do que uma mera análise neoinstitucional, a nossa proposta tem em conta tanto a conjuntura económica como as forças sociais e o contexto político, que vão mudando ao longo do tempo, não esquecendo que o fenómeno das companhias de comércio para a Índia Oriental produziram ao longo deste período um discurso sobre as suas potencialidades para recuperar o depauperado comércio português com a Ásia (Duarte Gomes Solis, António Vieira, D. Luís da Cunha, José Acúrcio das Neves).

João Teles e Cunha é professor auxiliar convidado do Instituto de Estudos Orientais (Universidade Católica Portuguesa) e investigador integrado do CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores. Entre as suas publicações mais recentes, destacam-se os livros Olho da grande Pérsia o império nobre. Relações entre Portugal e a Pérsia na Idade Moderna (1507-1750) (2014) e Goa, Passado e Presente (co-editado com Artur Teodoro de Matos, 2012), bem como os artigos "Glimpses of Portuguese Private Trade in India during the First Half of the Eighteenth Century: The Journal of the

"Nau" Our Lady of Conception Saint Francis Xavier (173739)", Beyond National Frames South Asian Pasts and the World (2015), e "Oman and Omanis in Portuguese Sources in the Early Modern Age (ca. 1500/1750)", Oman and Overseas (2013).

*

ANA CLARINDA CARDOSO E JOANA SEQUEIRA
(CHAM, FCSH/NOVA, UAc / CITCEM/UP | CHAM, FCSH/NOVA,
UAc)

*As estratégias comerciais das companhias Salviati
na praça de Lisboa no século XV*

Em 1438, a família Salviati, que construíra a sua fortuna com base na indústria dos panos de lã, funda o seu primeiro Banco em Pisa. As relações comerciais com Portugal têm início logo nos primeiros anos de actividade: a companhia compra couros e grã portugueses através de correspondentes italianos estantes em Portugal. Mais tarde, outras companhias do grupo Salviati especializar-se-ão no comércio com a península Ibérica e uma delas irá abrir uma filial em Lisboa nos anos 60. Nesta comunicação, colocaremos em perspectiva as diferentes estratégias de implantação do grupo Salviati em Portugal, que oscilaram entre práticas de comércio directo e indirecto, de forma a identificar os factores de atracção do mercado português ao longo da segunda metade do século XV.

Ana Clarinda Cardoso é licenciada em História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2014), obteve o grau de mestre recentemente com uma tese intitulada "Os livros de contas do mercador Michele da Colle (1462-63): do registo contabilístico à atividade comercial e financeira na praça de Lisboa" (2016), na mesma instituição. É também bolseira de investigação do CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores, membro do grupo "Economias, agentes e culturas mercantis".

Joana Sequeira é doutora em História pela Universidade do Porto e pela École des Hautes Études en Sciences Sociales com uma tese intitulada "Produção Têxtil em Portugal nos finais da Idade Média". Actualmente desenvolve o seu projecto de pós-doutoramento sobre a presença da companhia mercantil-bancária Salviati em Lisboa no século XV, integrado num projecto

internacional (EnPRESa) financiado pela Agence Nationale de la Recherche, que visa estudar a acção das companhias do grupo Salviati nas praças europeias nos séculos XV e XVI (dir. de Mathieu Arnoux). É bolseira de pós-doutoramento (FCT SFRH / BPD / 84077 / 2012) e investigadora no CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores, e no CITCEM (Universidade do Porto).

*

AMÂNDIO BARROS

(Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto | CITCEM/UP)

*Pelos mercados do mundo inteiro. Redes do Norte de Portugal
e sua intervenção nos negócios da Primeira Idade Global*

A historiografia actual continua sem conhecer em pormenor os agentes que construíram os primeiros movimentos globais através do comércio, da movimentação de gentes, navios, capitais e produtos. A redescoberta de fundos documentais até aqui pouco explorados, como os notariais, começa a revelar o dinamismo dos portos e dos centros comerciais ‘secundários’.

Com essa documentação, completada por correspondência conservada em arquivos estrangeiros, conseguimos identificar agentes e redes, e somos levados a visitar os mecanismos de funcionamento dos negócios internacionais daquele tempo, descobrindo formas de organização das casas comerciais, as principais características da sua actuação, financiamento de projectos e sua afirmação internacional.

Esta história das empresas é inseparável da dos portos; com ela, apreendemos uma parte da evolução das infraestruturas portuárias e avaliamos o seu peso económico.

Utilizando uma metodologia que se apoia no estudo de fontes documentais originais, de tipo notarial, nas quais mais fielmente se retrata a capacidade das entidades mercantis e portuárias, e na correspondência trocada com parceiros estrangeiros, conservada em Medina del Campo este estudo pretende reconstituir algumas dessas redes portuguesas em pontos-chave da economia europeia e atlântica, fornecendo um contributo original à história do comércio da Época Moderna; com ele, e a partir dos centros marítimos do Norte de

Portugal, tenta-se revelar o alcance da intervenção das redes portuguesas, dos mercadores, portos e centros comerciais e financeiros ibéricos, nomeadamente em Antuérpia, Sevilha, Medina del Campo, Paris, Nantes, Rouen e nos espaços atlânticos ibéricos, elementos que costumam estar ausentes das sínteses historiográficas publicadas.

Amândio Barros é professor da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto e investigador integrado do CITCEM (Universidade do Porto). Especializou-se nas áreas da História Social e Económica e na História Marítima, bem como na História da Cidade do Porto e Douro e História da Expansão. Autor de O Porto e os Filipes. A cidade e a construção do mundo global (2010) e A morte que vinha do mar. Saúde e sanidade marítima num porto atlântico (séculos XV-XVII) (2013); "Northern Portuguese commercial Networks and the Geographies of Trade in the Early Modern Period", Spatio-Temporal Narratives: Historical GIS and the Study of Global Trading Networks (1500-1800) (2014); "A construção de um centro portuário atlântico. O Porto nos séculos XV e XVI", La Governanza de los Puertos Atlánticos. Políticas y Estructuras Portuárias/La Gouvernance des Ports Atlantiques. Politiques et Structures Portuaires (2014).

MESA 7: PORTUGAL E A EUROPA: REPERCUSSÕES DA EXPANSÃO NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

SESSION 7: PORTUGAL AND EUROPE: CONSEQUENCES OF THE PORTUGUESE EXPANSION ON INTERNATIONAL RELATIONS

(26 Nov | 9.30)

JÜRGEN POHLE
(CHAM, FCSH/NOVA, UAc)

Açúcar, pimenta, pedras preciosas: o impacto económico da Expansão Portuguesa na Alemanha na viragem do século XV para o século XVI

Em virtude da Expansão Portuguesa, o comércio no Sacro Império Romano-Germânico conheceu alterações substanciais. Do Ultramar, via Lisboa e Países Baixos, chegaram à Alemanha, em grandes quantidades, produtos luxuosos como o açúcar da Madeira e o de São Tomé e as especiarias provenientes do Espaço Índico, das quais se destacava a pimenta. Estas mercadorias tiveram um impacto significativo, não apenas na alimentação, mas também na economia alemã. Em finais da segunda década de Quinhentos, alguns mercadores e firmas da Alta Alemanha envolvidos no comércio ultramarino português alteraram os seus planos económicos, concentrando-se na importação de pedras preciosas. A presente comunicação pretende destacar a importância destes produtos de luxo na história do comércio luso-alemão no alvorecer da Modernidade.

Jürgen Pohle é doutorado em História pela Albertus-Magnus-Universität zu Köln (Universidade de Colónia) em 1999/2000. Foi docente de História Económica e Social na UAL e na Universidade Atlântica. É investigador integrado e bolseiro de pós-doutoramento do CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores. Entre as suas publicações, destacam-se Martin Behaim (Martinho da Boémia): Factos, Lendas e Controvérsias (2007); "As relações luso-alemãs no reinado de D. Manuel I (1495/1521)", Portugal-Alemanha: Memórias e Imaginários (2007), "Lucas Rem e Sebald Kneussel: due agenti commerciali tedeschi a Lisbonna all'inizio del secolo XVI e le loro testimonianze", Storia Economica (2015).

YVONNE HENDRICH

(Johannes Gutenberg – Universität Mainz)

*Valentim Fernandes, os mercadores alemães e a recepção da
Expansão Portuguesa na Alta Alemanha*

This presentation deals with the typographer Valentim Fernandes, of Moravian-German descent, who, at the turn of the 16th century in Lisbon, beyond printing religious and secular books, also worked as a notary and interpreter for German merchants residing in Portugal's capital. Fernandes contributed significantly to the dissemination of information about the «Novos Mundos» (New World) through his correspondence with merchants and humanistic scholars from Nuremberg and Augsburg, Upper Germany's printing capitals and trade centers of the time, and his collection of reports (Códice Valentim Fernandes) about the Portuguese maritime expansion efforts in Africa and Asia in the 15th and 16th centuries. This presentation analyzes Fernandes' written correspondence, focusing in particular on the letters to the humanistic scholar Konrad Peutinger in Augsburg and to Stefan Gabler in Nuremberg, a former Fugger employee before representing the Höchstetter company of Augsburg. In this context the following research questions emerge: What was the role of the bilingual Fernandes in the process of mediation and information exchange between Portugal and Upper Germany? What were the commercial, geographical and cultural interests of his German correspondence partners, especially of the trading companies participating in the Portuguese overseas enterprises and spice trade in Southeast Asia.

Yvonne Hendrich é doutorada em História, com uma tese sobre Valentim Fernandes, tipógrafo de origem alemã que trabalhou em Portugal entre os séculos XV e XVI. Professora do Department of Romance Languages na Johannes Gutenberg University of Mainz desde 2009, lecciona cursos de Língua Portuguesa e Literatura e Cultura Lusófona. A sua investigação centra-se no campo da migração, identidade e memória, bem como no discurso ficcional em História e nas relações luso-alemãs desde a época dos Descobrimentos.

MARCO OLIVEIRA BORGES

(Centro de História, FLUL | Centro de Estudos Geográficos IGOT, UL)

*Portugal, o comércio das especiarias orientais e a disputa
francesa na primeira metade do século XVI: tensões e
intromissões*

A chegada dos portugueses à Índia e a consequente abertura da rota do Cabo às especiarias orientais veio perturbar o sistema de distribuição europeu que estava imposto e, ao mesmo tempo, gerar uma forte cobiça entre os reinos rivais de Portugal.

No caso francês, quando Lisboa se transformou num primeiro entreposto de distribuição destas mercadorias, prejudicando venezianos e mercadores de outras origens habituados a adquirir-las em Alexandria e noutros pontos mediterrânicos, a França não tinha representantes ligados à Casa da Índia. Acrescia que a Antuérpia, local onde estava sedeadada uma feitoria portuguesa e que constituía a segunda etapa do caminho que levava as especiarias até ao Norte da Europa, integrava uma região que durante um século manteve relações tensas com o Reino franco. Mais tarde, como notou Ana Maria Pereira Ferreira, Francisco I viria a queixar-se de que os seus súbditos pagavam preços insuportáveis por aquelas mercadorias. Deste modo, os franceses viam-se obrigados, desde o início do século XVI, a recorrerem aos mercados de especiarias mediterrânicos. Porém, quando aumentou a concorrência gaulesa em Alexandria, a rota do Cabo agravava uma crise com raízes mais profundas.

A alternativa de peso era tentar estabelecer contacto directo com os mercados orientais, pelo que logo em 1503 os franceses prepararam uma expedição à Índia, mas que veio a fracassar. Outras iniciativas tiveram lugar e conseguiram alcançar o Índico, contrariando assim a ideia de que durante a dinastia de Avis a rota do Cabo foi indisputada. Simultaneamente, e face ao insucesso comercial das suas intromissões, a França ia pressionando Portugal para que lhe vendesse especiarias e estabelecesse uma feitoria em Rouen, sendo este um assunto complexo das relações luso-gaulesas, muito pouco discutido pela historiografia e que precisa de ser aprofundado.

Marco Oliveira Borges é bolseiro de Doutorado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, estando a desenvolver uma tese no âmbito do Programa Inter-Universitário de Doutorado em História (PIUDHist). É investigador associado do Centro de História e do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, bem como membro correspondente da Academia de Marinha.

ORGANIZAÇÃO



APOIOS

